

repetição. A reprodução mecânica e da tecnologia em multimídia não elimina o sabor de transgressão que experimentamos ao descobirmos a singularidade de personagens de um conto ou romance ou em uma galeria de artes. Nem Bartleby nem “O Escriba Sentado” estão mortos, estão apenas adormecidos “com reis e conselheiros” (p.154).

ABSTRACT:

In this paper the notions of reality and art, copy and creation are discussed upon the background of the modern acceleration of means of reproduction of the work of art and its implications to the concept of artistic creation. Walter Benjamin's and Paul Valéry's writings have provided the instrumental for a discussion, here illustrated by the short novel Bartleby the Scrivener, by Herman Melville, for the perspective ahead of his time that the author imprints on his enigmatic central character, in his existential dilemma between the possibility of repeating himself and the transgression of passive resistance in the accomplishment of his task as a scrivener. A search for identification of Melville in his inscrutable character was not pursued, the aim was to see him from a metafictional angle, confronted with the plight, usual for the artist, between the notion of reality and its “reproduction” in the work of art.

Key-words:

Artistic creation, Multimedia reproduction, Transgression.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BENJAMIN, Walter. The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction. *Illuminations*. Harry Zohn (trad.) London: Fontana Press, 1992.
- BOZAL, Valeriana et alii. As civilizações do oriente próximo e médio. *História geral da arte: escultura I*. Madrid: Ediciones del Prado, 1995, p. 37-75
- MELVILLE, Herman. Bartleby the Scrivener. *The Shorter Novels of Herman Melville*. New York/London: Liveright, 1978.
- PINTO, Marcos Barros. *Jornal do Brasil*, Caderno B, 1996, p. 5.
- TÁPIES, Antoni. A prática da arte. *História geral da arte: pintura I*. Madrid: Ediciones del Prado, 1995, p. 7-8.
- THARRATS, Jaan-Josep. A arte como necessidade permanente. *História geral da arte: pintura I*. Madrid: Ediciones del Prado, 1995, p. 9-17.

DRÁCULA: UM FLÂNEUR NA LONDRES VITORIANA

O VAMPIRO NO IMAGINÁRIO VITORIANO E O AMBIENTE

DA GRANDE CIDADE DO *FIN-DE-SIÈCLE*

Alexandre Sobreira Martins
UFMG

RESUMO:

O romance *Dracula*, de Bram Stoker, oferece um reflexo de determinados valores da sociedade burguesa da era vitoriana inerentes à estrutura social do ambiente urbano da grande cidade no *fin-de-siècle*. Ao adotar o discurso que a literatura toma emprestado à ciência no século XIX, *Dracula* se estabelece como uma representação do imaginário burguês vitoriano que reflete a indiferença da multidão urbana pelos indivíduos que a compõem, indiferença que transforma essa multidão massificada no meio ideal para o florescimento do crime. Essa situação cria, também, um terreno fértil para o surgimento do romance policial, além de refletir a necessidade, gerada por essa mesma indiferença, de o indivíduo destacar-se na multidão, promovendo, assim, seu reconhecimento através do olhar do outro.

PALAVRAS-CHAVE:

Sociedade vitoriana, Romance policial.

O ponto de partida do enredo do romance *Dracula*, de Bram Stoker, é o desejo do Conde Drácula de mudar-se para Londres, onde teria um novo “terreno de caça” e estaria livre de perseguições, do distanciamento e da imunidade que os camponeses de seu país mantinham em relação à sua ameaça vampiresca, protegidos que estavam pelos conhecimentos transmitidos pelo folclore.

Como isso se encaixa na estrutura social e na produção literária do período vitoriano? No século XIX e início do século XX, houve uma reorientação de valores que levou à rejeição da vida no campo como modelo poético. Ela passou a ser vista como elemento de riso, como exemplo de existência inferior, pois se passou a encarar a vida urbana como símbolo do progresso, tanto social quanto tecnológico, separando-se a exploração dos recursos naturais (advinda da nova tecnologia) da concomitante exploração dos homens.¹ No século XIX, a grande cidade havia se tornado um imenso aglomerado humano, no qual a atomização do indivíduo era cada vez mais intensa, sua anonimidade perante seus semelhantes progressivamente marcada. Em Londres, essa anonimidade vinha acompanhada pela intensa miséria de grande parcela da população, que, contudo, as disfarçava aos olhos da maioria através de uma alienação quase calculada relativamente a essa realidade. Embora em Londres houvesse favelas tão miseráveis quanto as de Manchester, as relações sociais eram mais complexas, mais mistificadas, de forma que as diferenças sociais ficavam distantes da observação geral e poderiam ser interpretadas como uma oposição entre “ricos” e “pobres”, em vez de uma oposição entre “empregadores” e “empregados”.²

Dracula poderia bem refletir o clima produzido pelo embate entre as novas idéias de progresso e urbanização e a tradicional noção do homem valorizado como indivíduo. O Conde Drácula é o elemento de discórdia que se opõe à urbanização e ao “progresso” do modo de produção capitalista. É o antigo feudalismo rural que ainda tenta ameaçar o capitalismo urbano e burguês. Drácula traça longos elogios à Inglaterra em geral e a Londres em particular, mas há ironia nessas perorações. Quando ele diz, por exemplo, *anseio por percorrer as ruas populosas de sua grande Londres, estar no centro daquele turbilhão de humanidade; partilhar de sua vida, de suas mudanças, de sua morte e de tudo que faz dela aquilo que ela é*³, a ironia é clara: sendo Drácula um vampiro, suas palavras *partilhar de sua vida... de sua morte...* assumem um sentido claramente duplo, pois ele quer não apenas partilhar, mas também ser o predador em meio a esse novo rebanho. Ademais, a grande cidade seria o “terreno de caça” ideal: a anonimidade do indivíduo na grande cidade seria a proteção para o Conde.

Com o desenvolvimento tecnológico do século XIX, assumiu-se a mentalidade tecnicista que, havia pelo menos quatro séculos, permeava o

1. WILLIAMS, 1990. p. 58ff.

2. *Ibidem*, pp. 297-8.

3. STOKER, 1988. p. 22. A tradução é minha.

imaginário ocidental. Com a suposta vitória do homem sobre a natureza, as relações humanas até então existentes se transformaram sob o impacto da mecanização e da nova estrutura social. E é na cidade que essa situação revela seu aspecto mais agudo, onde as relações humanas perdem seu caráter íntimo e se tornam relações mecânicas, passando da esfera do afetivo para a das relações econômicas e de trabalho.

Vários fatores contribuíram para isso, entre outros, a desumanização do trabalho em decorrência da mecanização, que eliminou a antiga relação mestre-aprendiz, e a massificação da produção, que converteu os trabalhadores em “força de trabalho”, também massificada e anônima, em que não se identificava o indivíduo ou sua voz. A arquitetura das grandes cidades também contribuiu para esse isolamento. Um novo meio social, onde o controle e a opressão constituem a norma, bem como a impossibilidade — definida pela própria estrutura da cidade e pela massa humana que a habitava —, de que o indivíduo se reconhecesse no olhar do *outro* produziram o profundo isolamento pessoal que angustiava o habitante da grande cidade vitoriana.⁴

Como um fator que compunha esse quadro, a imensa variedade e complexidade do meio social urbano impedia uma classificação plena dos indivíduos que o compunham, gerando um desejo de conhecimento da situação social cada vez mais intenso. Os escritores passaram a demonstrar uma preocupação cada vez maior com o público leitor, sentido a necessidade de conhecer a atingir esse público. Na Inglaterra, Dickens foi dos primeiros a conseguir transformar esse estado de coisas em romance. As atenções se voltaram para o crime e os problemas gerados pela miséria, mesmo que vistos, em muitos casos, apenas como uma experiência estética: “A burguesia desfrutava a sublime experiência estética da grandiosidade da pobreza, sua opacidade, seu caráter terrífico e poderoso através da vasta literatura que estava sendo consumida.”⁵

A proposta estética da burguesia vitoriana desloca-se, assim, para os novos elementos do meio social urbano, particularmente para o crime a suas conseqüências, e para a pobreza. Emerge a problemática do pária social e a necessidade de sua extirpação, uma vez que ele era considerado como uma “doença social”. Surge uma nova percepção do homem da cidade moderna, uma imagem associada, segundo Walter Benjamin, à “*de um homem caminhando, como que sozinho, pelas ruas.*”⁶ Dentro desse clima intelectual e

4. BRESCIANI, 1984/85. p. 38.

5. AUERBACH, 1987. pp. 447-8.

6. WILLIAMS, 1990, p. 314.

político, *Dracula* encontra seu meio ideal: tanto há no romance a presença do pária que se disfarça, perdendo-se na multidão, como intensos elementos de preconceito social e a eventual extirpação do pária para que a sociedade possa continuar com sua existência “normal” (normal segundo as normas burguesas de comportamento e estrutura social). Esse fenômeno faz parte do processo de isolamento dos indivíduos, sua despersonalização em uma massa amorfa que não é capaz de reconhecer a si própria, mas que deve ser controlada pelo Estado enquanto população, enquanto grupo desprovido de individualidade que deve se enquadrar em um conjunto de regras rígidas e participar de um intenso processo produtivo, típico do ambiente urbano.^{7,8}

Nesse grupo massificado, as possibilidades de violência entre os indivíduos, o perigo oferecido pelo desconhecido em um meio social altamente agressivo e competitivo levaram as pessoas a procurar válvulas de segurança como a fisiognomia. Passou-se a considerar indispensável para a segurança pessoal o conhecimento profundo da natureza humana a partir daquilo que se julgava ver refletido nas feições de cada indivíduo. Em *Dracula*, um papel bastante relevante é reservado à fisiognomia. O reconhecimento do caráter e das capacidades individuais dos diferentes personagens surge através dela. Basta citarmos alguns exemplos, dentre os muitos que permeiam o romance. Em uma certa passagem, ao se encontrar pela primeira vez com o Professor Van Helsing, mentor intelectual do heróico grupo de “caçadores de vampiros”, Jonathan Harker comenta:

Doutor, o senhor não sabe o que é duvidar de tudo, até de si mesmo. Não, o senhor não sabe. Não poderia, com sobranças com as suas”. Ele [Van Helsing] pareceu apreciar o comentário e riu, ao dizer:

“Então! O senhor é um fisiognomista: estou aprendendo mais aqui a cada hora.”⁹

E, claro, a descrição física dada por Harker do próprio Conde Drácula:

Sua face era fortemente — muito fortemente — aquilina, com uma elevada curvatura do nariz estreito e narinas peculiarmente arqueadas; com uma

7. FOUCAULT, 1990. *passim*.

8. BENJAMIN, 1991. p. 33.

9. STOKER, 1988, p. 202. A tradução é minha.

fronte ampla e elevada e cabelos crescendo escassamente ao redor das têmporas, mas profusamente em outros pontos. Suas sobranças eram muito espessas, quase se encontrando sobre o nariz, e com fios tão densos que pareciam quase se encarrucar em sua própria profusão. A boca, na medida em que me era possível vê-la sob o pesado bigode, era fixa e tendente a ter uma aparência cruel, com dentes peculiarmente agudos e brancos; estes se debruçavam sobre os lábios, cujo notável tom rubro mostrava uma impressionante vitalidade em um homem de idade já tão avançada.¹⁰

A impressão causada pela descrição do personagem observado pelo *flâneur* de Alan Poe em *O Homem da Multidão* é bastante similar. Veja-se que, em ambos os casos, a fisiognomia é chamada a representar um papel vital: são os traços marcantes de Drácula — sua aparência de *criminoso* — que permitem que ele seja identificado em Londres e, eventualmente, caçado e derrotado. O conhecimento representa o fator vital: ele é necessário à identificação do marginal. Afinal, é a própria anonimidade da massa que oculta o marginal, tornando-lhe possível agir indiscriminadamente sem que possa ser identificado. É essa anonimidade que o detetive Dupin de Alan Poe enfatiza tão intensamente ao falar de seu raciocínio para desvendar o desaparecimento da jovem em *O Assassinato de Marie Roget*.

A menção de Alan Poe, aqui, é relevante. Não é casual, nessa época, o surgimento do romance policial e a transformação do seu herói no raciocinador que, por meio de sua hábil análise intelectual de tênues pistas, segue, dentro da multidão, os passos esquivos do criminoso. Como define Benjamin, o conteúdo social primitivo do romance policial é “a supressão dos vestígios do indivíduo na multidão da cidade grande.”¹¹ Em *Dracula*, Van Helsing age como um detetive, examinando pistas, coletando dados, com a racionalidade e a lógica comuns aos personagens dos romances policiais. Os conhecimentos e a capacidade de raciocínio de Van Helsing são tremendamente destacados ao longo de todo o romance: ele é o cérebro que irá se opor tanto aos poderes quanto à vasta inteligência e sagacidade do Conde Drácula.

Da mesma forma que o Homem da Multidão atrai os olhos do *flâneur* de Poe, Drácula se revela por sua singularidade, por sua intensa individualidade,

10. *Ibidem*, p. 19. A tradução é minha.

11. BENJAMIN, 1991. p. 41.

que o recorta claramente em meio à multidão londrina aos olhos daqueles que sabem o que procurar. Benjamin diz:

Só a massa de habitantes permite à prostituição estender-se sobre bastos setores da cidade. E só a massa permite ao objeto sexual inebriar-se com a centena de efeitos excitantes que exerce ao mesmo tempo.¹²

Da mesma forma, essa massa permite ao vampiro passar-se por dândi em seu meio, sem que seja notado. A massa não apenas oculta e despersonaliza: ela brutaliza, ela torna as pessoas insensíveis ao sofrimento alheio. Ela é o perfeito cenário para os gênios criminosos de Poe e Conan Doyle e para o incontrolável Mr. Hyde de Stevenson. Engels enfatiza esse processo de brutalização das massas trabalhadoras na cidade de Londres, sua força desumanizadora, a indiferença de seus membros uns pelos outros.¹³

O Vampiro, brutal e insensível, concentrado apenas em seus próprios interesses e apetites, é uma excelente representação do espírito urbano de *fin-de-siècle*, do código impalpável de mútua desconsideração que informa os membros da multidão da grande cidade e que os leva a estar constantemente em busca de suas satisfações pessoais, como se não tivessem que tratar com nenhum outro ser humano, mas apenas com profissões e seus representantes, vistos de uma forma profundamente impessoal.

Drácula veste a roupagem da multidão. E ele não é apenas o Homem da Multidão, o gênio do crime que se oculta na massa e mergulha nela em busca de vítimas: ele é o próprio imaginário dessa massa, seu espírito frio e voraz. E, como o Homem da Multidão, é também o duplo, a possibilidade de espelhamento do imaginário urbano da grande cidade, impregnado de violência e indiferente ao outro, mas também sedento de identificação com ele. E o poder do vampiro de devorar o outro, sugando-lhe a própria substância vital e transformando-o em algo idêntico a si próprio reflete essa sede de identificação, a intensa necessidade do homem vitoriano de deixar de ser um vulto anônimo na multidão, para se tornar um indivíduo dotado de personalidade. Para isso, é preciso que seja reconhecido como tal por outro membro da multidão.

ABSTRACT:

Bram Stoker's novel *Dracula* presents a reflex of some values of the bourgeois society of the Victorian era which are inherent to the social structure of the urban environment of the city at the *fin-de-siècle*. By adopting the discourse that literature borrows from science at the end of the nineteenth century, *Dracula* establishes itself as an image of the Victorian bourgeois imaginary, reflecting the indifference of the urban crowd to the individuals that make it up. Such indifference makes the masses the ideal medium for the flowering of crime and this state of affairs presents also a fertile ground for the birth of the police novel. Also, *Dracula* reflects the need which is generated by this selfsame indifference: the need of the individual of showing up against the crowd by promoting its recognition though the eye of the other.

KEY WORDS:

Victorian society; Detective novel.

12. *Idem*. p. 53.

13. ENGELS, F. *Die Lage der arbeitenden Klasse in England*. Leipzig, 1848, 36-7. In BENJAMIN, 1991. p. 54.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética (A Teoria da Romance)*. Trad.: Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad.: José Carlos Martins Barbosa et al. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BOLLE, Willi. *Fisionomia da Metrópole Moderna: os "retratos benjaminianos" de cidades*. Folha de São Paulo, Folhetim. 9 dez. 1984.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Metrópoles: as faces da mostra urbana (as cidades no século XIX)*. Cultura e cidades. Revista Brasileira de História. São Paulo (5-8-9): Marco Zero, 1984/85.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe operária na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque et al. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. José Lopes Ballesters y de Tarres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.
- ISER, Wolfgang. *The Act of Reading*. 2ª ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1981.
- PERROT, Michelle & Anne Martin-Fugier. *A Família Triunfante. História da Vida Privada, vol. 4 - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- PERROT, Michelle. *Figuras e Papéis. História da vida privada, vol. 4 - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- QUEIROZ, Luiz Gonzaga Moranda. *Transgressores e transviados: a representação da homossexual nos discursos médico e literário na final do século XIX (1880-1900)*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 1992.
- SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau. *Perfins Urbanas Terríveis em Edgar Allan Poe*. Cultura e cidades. Revista Brasileira de História, vol. 5, n. 8/9. São Paulo: Marco Zero, 1984/1985.
- STOKER, Bram. *Dracula*. Londres: Galley Press, 1988.
- STORCH, Robert D. *O Policiamento da Cotidiana na Cidade Vitoriana*. Cultura e cidades. Revista Brasileira de História, vol. 5, n. 8/9. São Paulo: Marco Zero, 1984/1985.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e no literatura*. Trad.: Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ZILBERMAN, Regina. *Estético da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

LIVROS